



## **O (des)Lugar da Ética Na Obra *Eternidade* de Ferreira de Castro<sup>1</sup>**

**Carlos Costa Gomes**

Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa – Porto

cgomes@porto.ucp.pt

### **Resumo**

Encontrar o caminho ético, o fio da eticidade do autor e, porventura, dizer qual a sua compleição e estrutura ética, em *Eternidade*, é nosso desafio. O pensamento intuitivo de Ferreira de Castro antecipa aquilo que a ciência iria mostrar como verdade. A sua atenção para desconcerto social em *Eternidade* é o grito da vida, enquanto existência e o grito humano, enquanto comportamento. Ao falar de morte, contrariamente àquilo que podemos pensar – que a morte está à nossa frente –, vemos, nesta obra, que na verdade grande parte da nossa morte está atrás de nós, porque toda a existência que deixamos para trás pertence já à eternidade. *Eternidade* é, na sua essência, um grito bioético, porque é um grito pela vida, sempre.

**Palavras-chave:** ética, bioética, eternidade, morte.

### **Abstract**

Finding the ethical path, the thread of the author's ethics and perhaps defining his complexion and ethical framework, in *Eternity*, is our challenge. Ferreira de Castro's intuitive thinking anticipates what science would show as truth. His attention to social disagreement in *Eternity* is the cry of life as existence and the human cry as behaviour. When speaking of death, contrary to what we might think - that death is before us –,

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada nos IV Encontros Ferreira de Castro (13, 14 e 15 de Maio de 2016).

we see in this work, that in fact much of our death is behind us, because all the existence we left behind already belongs to eternity. *Eternity* is in its essence a bioethical cry because it is always a cry for life.

**Keywords:** ethics, bioethics, eternity, death.

### Introdução:

Ler Ferreira de Castro, a sua obra *Eternidade* é um desafio. Mas esta leitura não pode ser apenas um ler como quem lê o romance ou uma obra biográfica, mas ler com um olhar de quem vê por dentro a obra e nela encontrar o lugar ou o (des) *lugar* da ética da vida ou da bioética.

Ferreira de Castro não é e nem foi, até ao momento, um dos escritores a quem demos muito tempo da nossa atenção e da nossa leitura. Esta é a verdade. Outras leituras e outros autores ocuparam o nosso pensamento. Contudo, a primeira nota, como iniciantes pelos caminhos literários de Ferreira de Castro, é a de que o autor de *Eternidade* cativou a nossa atenção e levou-nos ao colo e assim entramos suavemente ao sabor da sua pena no seu mundo e no mundo do seu tempo. Deleitou-nos a preciosidade e a beleza do seu dizer; um dizer feito e não um dizer escrito.

Encontrar o caminho ético, o fio da eticidade do autor e, porventura, dizer qual a sua compleição e estrutura ética, é nosso desafio. Este ensaio não pretende narrar o autor. As biografias, no passado mais do que dizer o que o biografado tinha realizado na sua vida, elaboravam, em certa medida, o ideal de figura que pudesse servir de modelo e de referência para as gerações futuras. Os poemas homéricos, as canções medievais, as vidas dos santos, as crónicas reais não tinham nunca como objetivo contar aquilo que os personagens fizeram, mas sim escrever vidas exemplares, modelos de comportamento para o leitor.

Neste sentido, ler de alguém ou escrever sobre alguém tem sempre um carácter supra-individual. Quando lemos alguém, quando escrevemos sobre alguém, não lemos, não escrevemos só o autor mas o autor e a sua vida relacionada com as vidas de outros homens e as destes, por sua vez, com outras personagens e com o mundo. A obra *Eternidade*, como as restantes obras de Ferreira de Castro (e demais autores) está assim determinada e condicionada pela circunstância da vida coletiva. Esta vida coletiva narrada em *Eternidade* - na ilha da Madeira, no primeiro terço do século XX – é uma “obra aberta” que evoca uma pluralidade semântica que estimula a interpretação mas também a escuta.

### 1 - Um Pensamento Intuitivo

Em *Eternidade*, a primeira avaliação ética, é a de que o homem não é só um ser no mundo, mas também é ele mesmo, mundo. O homem não é, como diz Heidegger, um ser para a morte, mas um ser até à morte e depois da morte.

A linguagem em *Eternidade* transcende o produto lógico e técnico. O pensamento de Ferreira de Castro inscrito nesta obra é igual ao trabalho do lavrador – *construir, habitar, pensar* – (Heidegger), que

floresce na interioridade do não dito sobre o dizer, do silêncio sobre a palavra. E o silêncio da palavra pode ser dito através do pensamento intuitivo – isto é a percepção de algo que não se verifica ou ainda não aconteceu; ou dito de outra forma, uma percepção direta, clara e imediata de uma verdade, sem auxílio do raciocínio<sup>2</sup>.

Mas no pensamento do autor, como de resto a história nos tem ensinado, percebemos que não estamos perante um irracionalismo, mas perante uma nova interpretação de significado. A intuição em *Eternidade* está intimamente ligada discurso racionalizante, na medida em que uma verdade provisória, do já ainda não, converte-se na hipótese de trabalho e não tanto numa verdade distinta e clara, como habitualmente entendemos. Nesta perspetiva, podemos compreender que a intuição é a “provisoriedade” da verdade; e é uma forma diferente de observação, como escreve Ferreira de Castro, partir do seu pensar intuitivo, do já ainda não:

«A tua vida terá, no espaço e no tempo, horizontes que a maioria dos meus contemporâneos dificilmente concebe. Eu sei isto, eu possuo esta certeza, eu vivo com esta verdade, e, contudo, tenho de renunciar a ela, vencido por essa voz que vem de ti para mim e me desvaira, me humilha e me torna ainda mais desditoso.

– Esta é a época que tu sonhaste [...]»<sup>3</sup>

É por este caminho que em *Eternidade* a biologia vai “perder” a inocência multissecular. No dizer de Luís Archer, ela contava os segmentos dos artrópodes; descrevia a anatomia e fisiologia dos corpos, mas estava ainda inocente. Mas, um dia, começou a entrar na pele dos seres vivos, a estudar a química das sensações, e a dissecar as moléculas da hereditariedade. Descobriu que, desde o primeiro átomo de hidrogénio até à mente humana, toda a universal diversidade é trespassada por um fio de unidade elementar, o genoma humano.

A “nova era sonhada” em *Eternidade* (a biologia) chegou e hoje é ultrapassada pelas neurociências. De inocente, a biologia passou a ser considerada responsável de boa parte dos caminhos da nossa civilização: A reprodução humana: a escolha do sexo dos filhos; a inseminação artificial; a fecundação *in-vitro* de óvulos por espermatozóides (após primeiros estádios de desenvolvimento, o embrião é transplantado para o útero); a conservação ou criopreservação de embriões humanos; obtenção dum indivíduo completo a partir de uma célula não sexual – clonagem; a clonagem terapêutica; dos transplantes de órgãos e de cabeça; o transplante do cérebro (ensaios clínicos neurológicos, “teste da verdade” através do qual se pode ler as respostas cerebrais e entrar na intimidade da pessoa), para além dos problemas técnicos, existem as questões éticas,

---

<sup>2</sup> Intuição. In *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2014.

<sup>3</sup> CASTRO, Ferreira de – «Pórtico» de *Eternidade*. 14<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editores Guimarães, 1989.

morais e jurídicas, porque para onde vai o cérebro de uma pessoa vai essa pessoa; a Criónica ou criogénica; as neurociência e o melhoramento do cérebro...

O pensamento intuitivo de Ferreira de Castro antecipa aquilo que a ciência iria mostrar como verdade: [...] *Esta é a voz que te dirá quanto sofremos e lutámos para que tu possas viver doutra maneira e sorrir [...] eu queria ser como tu, queria ter nascido quando a inteligência humana tivesse anulado a morte [...]...* Em *Eternidade* não há lugar para a bioética, mas ainda a palavra esteja ausente – no discurso do autor –, a bioética está presente. No coração do texto e nas entrelinhas da intertextualidade da palavra há, por assim dizer, um *(des) lugar* ético e bioético. No texto castriano aprendemos que a humanidade necessita urgentemente de uma nova sabedoria que lhe proporcione o “*conhecimento de como usar o conhecimento*” para a sobrevivência do homem e melhor qualidade de vida”. “*Nós sabemos que já não nos beneficiará [...] mas contudo continuamos a trabalhar para te deixar um legado cada vez maior e mais maravilhoso*”<sup>4</sup>.

Este legado, na perspetiva da Bioética, só pode ser entendido como abertura aos outros; como abertura e encontro com os outros, especialmente, para com os mais frágeis e dependentes. Este legado castriano abre um novo caminho, imprescindível, para a outra grande descoberta de todos os tempos: a do verdadeiro outro a quem devemos o respeito e a liberdade que só o “amor ágape” permite descobrir.

## 2 - Mas será da morte ou da vida que fala a eternidade?

Em tempos desencontrados, como os que são narrados em *Eternidade*, somos levados a admitir que são de crise (ainda que não os últimos). O Céu ali servirá como testemunha única para o grito que vai de encontro à angústia que tolhe o viver humano. O som das palavras suspende-se e abre-se no Céu como um grande ecrã e sucedem-se episódios de desgraças sobre a humanidade dos homens envelhecida pela injustiça social. O desconcerto social é o grito de *Eternidade*, é um grito bioético. É o grito da vida, enquanto existência, é o grito humano, enquanto comportamento. Em *Eternidade* “*Deus é o silêncio do universo e o Homem o grito que pode dar sentido a esse silêncio*”<sup>5</sup>. O grito do homem, ainda que frágil é forte porque é possibilidade de esperança e da certeza da sua fortaleza. O grito não representa o grau zero da voz nem da palavra, não é nulo, porque não é neutro de valor, mas constitui um apelo à mudança interior.

A *Eternidade* alude à morte. A morte o morrer termos usado vezes sem conta na obra. Só no pórtico aparecem duas dezenas de vezes, em duas páginas apenas. Mas o que diz sobre a morte? Nada.

Em *Eternidade* a morte não existe, existe sim a vida, porque é da vida que fala a obra, porque pensar sobre o sentido da morte é apenas uma reflexão sobre o que radicalmente não conhecemos e sobre o que profundamente não duvidamos. Não a conhecemos nós e nem a conhece o autor de *Eternidade* enquanto evento pessoal. A morte em *Eternidade* é a morte dos outros. Por isso, a morte é-nos alheia, da qual apenas colhemos e sentimos os seus efeitos, mas cuja realidade desconhecemos porque ainda não a vivemos.

<sup>4</sup> CASTRO, Ferreira de – «A Legenda do Pórtico» de *Eternidade*. 14ª Ed. Lisboa: Editores Guimarães, 1989.

<sup>5</sup> Cf. Juan José Tamayo – Em luta titânica com Dios. *El País* (Cultura), de 18 de Junho de 2010.

Na verdade, falar sobre a morte ou pensar sobre a morte, uma condição é inevitável: é a de estar vivo, é a de viver.

### **3 - Vida e morte: intimidade e ambiguidade**

Vida e morte estão intimamente ligadas, mas simultaneamente uma estranha ambiguidade as separa. Nada se sabe da morte. Ambiguidade porque a morte nunca é para nós senão quando deixamos de ser. Ambiguidade e estranho porque a morte para nós é sempre a morte dos outros. Ambiguidade e estranho porque a nossa morte só é para os outros, na medida em que quando morrermos, já não a vivemos. Por isso, morte para cada um que morre permanece sempre impenetravelmente estranha. Há uma relação antiética, uma oposição recíproca. Como diz Epicuro, “*enquanto tu existes, não existe a morte, e quando a morte sobrevém, já tu não existes*”.

Na verdade, em *Eternidade* ao falar de morte, contrariamente àquilo que nós pensamos, que a morte está senão à nossa frente, quando na verdade grande parte da nossa morte está atrás de nós; toda a existência que deixamos para trás pertence já à eternidade. Isto é, uma parte de nós morreu, vai morrendo, para viver!

A grande questão em *Eternidade* é a de saber quem vive depois da morte, ou saber o que morre ou quem morre quando morre uma pessoa? Haverá morte da pessoa?

Não! A morte significaria o desaparecimento humano. Quando procuramos o sentido da palavra – Ferreira de Castro conduz-nos a um sentido *sine matéria* em quem reconhecemos a pessoa, no mais íntimo da sua intimidade, como realidade – embora não substantiva.

Esta é a parte que não morre em *Eternidade*, esta é a parte da pessoa que, em cada pessoa concreta, não morre, porque não tem substância; não morre porque também não teve vida, usou a vida mas não se confundiu com ela, nem se integrou nela e nem nela se dissolveu. O que vale também para Ferreira de Castro, que usou um corpo humano para se manifestar, mas não se dissolveu nele, vale igualmente para cada pessoa.

### **4 – Em *Eternidade* antes de uma ética da palavra há uma ética de vida**

Ao desfiarmos a leitura de *Eternidade*, como quem desentrelaça um novelo ou uma meada de lã vem-nos à memória, de forma analógica, mas sem comparação, o impressionante silêncio cósmico de Auschwitz, perante a maldade humana.

Em *Eternidade* o cenário tétrico e mesmo desértico, o silêncio desolador da vida ética é contrastante com a vida estética. Há assim por dizer um (des)lugar bioético, num lugar em que o Céu é o horizonte e a beleza harmónica entre a terra e o mar fazem da Madeira um paraíso e um purgatório.

Este horizonte, em vez de linha que separa, é a linha que religa ou liga a ética com a estética; que torna eterno os arcos da ponte de passagem para um mundo de fraternidade e inteligência e onde já não

*existirão iniquidades, a dores inúteis sobre a terra [...] e o regresso à beleza original*<sup>6</sup>. Então porque não agarrá-lo? É nesta linha do horizonte que a Terra se liga ao Céu e o Céu se esbate e entra no mar. O inalcançável horizonte, o mundo de que fala *Eternidade* não está entre nós, mas acima de tudo está em nós. E única maneira de o possuir é despossuir-se de si ainda que o preço seja elevado e de um novo grau de relação, afinal mais íntimo – só perdendo a um nível, se tem acesso a outro mais pessoal e espiritual.

O mundo em *Eternidade* fala de uma escola ética para não ficar prisioneiro dos próprios amores, dos próprios quereres e dos próprios interesses e só um coração inteligente é capaz de ganhar, perdendo.

E porque perdeu, em *Eternidade*, o autor ganhou. Ganhou a possibilidade de ver o mundo como ele é, como ele não é, mas acima tudo como gostaria que ele fosse. Então, é possível formular a seguinte questão: perder, do ponto de vista da ética, é lucro?

Sim, é lucro! Porque vemos que a estética não é belo e o belo não é beleza e nem confunde com a estética; vemos que a harmonia não é o uno nem se confunde ele, mas com a unidade; vemos que o real não é o ideal; vemos que a ética é o caminho que nos pode conduzir da beleza do mundo ao mundo estético, da heteronomia à unidade; do ideal ao real.

A viagem por *Eternidade* diz-nos que há uma voz de um fino silêncio, uma voz tão finíssima que só pode ser ouvida em alta fidelidade, em alta frequência e numa nova sintonia. É uma voz não é audível porque apenas é som do sentido. A voz audível faz ruído. O sentido é sempre recebido depois de um longo, lento e paciente trabalho de interpretação. O som do sentido não faz barulho. O sentido é a tal voz do silêncio que fala calada e calada fala escutando, sempre num finíssimo silêncio, no limiar do silêncio, sempre à escuta do sentido que é um som que nunca se ouviu, um silêncio que nunca se calou. Este é o sentido ético não da palavra dita para a palavra vivida, a vida.

Em *Eternidade* o sentido ético encontra-se na sensibilidade do viver humano e dele espera o recorte do mundo que se desenvolve no horizonte da vida que se partilha uns com os outros – buscando o que falta a cada um e estendendo a outros o que se tem tanto do que sobra como do que se espera.

Ferreira de Castro em *Eternidade* fez silêncio, e o mestre ensina que em alguma hora faremos silêncio para escutar a imensidão do *espaço e infinitude do tempo*. Em *Eternidade* a ética do sentido habita no sentido da vida “*assim como o tempo do mundo desembocará um dia no instante da eternidade*” – não na morte, mas na eternidade.

O grito atirado contra o silêncio de Deus – da “*vida pletórica*<sup>7</sup> *de iniquidades*” - transforma-se em interpelação bioética: justiça, solidariedade, fraternidade (*eu queria ser eterno como tu, no teu mundo de fraternidade*<sup>8</sup>) – e a esperança da humanidade, como caminhos para matar a morte.

<sup>6</sup> Cf CASTRO, Ferreira de – «A Legenda do Pórtico» de *Eternidade*. 14ª Ed. Lisboa: Editores Guimarães, 1989

<sup>7</sup> Em medicina: *superabundância de humores ou de sangue*; sentido figurado: *qualquer excesso que produz efeito nocivo; superabundância; profusão...*

<sup>8</sup> Cf CASTRO, Ferreira de – «A Legenda do Pórtico» de *Eternidade*. 14ª Ed. Lisboa: Editores Guimarães, 1989.

Desta obra solta-se um axioma, ainda que, à primeira vista, parece paradoxal. Ao falar da morte fala da vida; e se morremos não é porque vivemos mas para que vivamos. Vivamos, sim, mas de outro modo de ser – na perfeição. “*Amor! Meu amor! – a todas as especulações, pressentia, desoladoramente, que se ela viesse não estaria integrada em beleza total como ele agora via, como a via desde que ela morreria*”<sup>9</sup>. Perfeição, essa, que vai construindo “*um legado cada vez maior e mais maravilhoso – razão da tua – nossa existência*”<sup>10</sup>.

É um grito contra uma moralidade imposta que esmaga e empurra uns para a *miséria e para a morte e outros que triunfam sobre essa lei. Eternidade* é, acima de tudo, um grito ético sobre a moral do homem que o *massacra e o expolia numa sombria e muda planície*.

E, para este morrente que todos somos, *Eternidade* oferece uma ética social e solidária; uma ética de esperança e justiça fundamentada pela razão que pensa que dá credibilidade ao agir e ao viver humano.

Nesta perspetiva da *Eternidade*, tudo se dá por amor/justiça para que receba por justiça e amor. O mundo é dado por amor/justiça, para que eu o receba por amor; receber não é um gesto fácil, é um gesto difícil, tecido de inteligência e de coragem e solidária.

Implica que eu compreenda que não tenho em mim o meu fundamento, eu sou esperança mas não fundamento, que não tenho nenhum direito sobre mim e sobre o outro e nem sobre o mundo; que eu não sou meu e que o mundo e os outros não são meus; que eu não sou dono de mim nem dono dos outros nem dono do mundo. Eu não sou dono mas dom e esperança da vida que recebi.

Aliás, em boa verdade, quando dou por mim a pensar, já tenho coisas atrás de mim. Já estou sempre depois do nascimento. Já tenho um pai e uma mãe, já sou filho. Quando começamos a dar por nós, o espanto primeiro que nos invade não é o mundo, mas alguém que começamos a ver diante de nós. Alguém ou algo: o dom de outras mãos que amorosamente se estendem para nós. *Eternidade* emerge um grito de solidariedade humana e dá-nos uma clara e evidente lição que é preciso perder para ganhar.

A ânsia de imortalidade é vencida, a morte é vencida. *Eternidade* não o diz, mas o medo de morrer depois da morte não aconteceu. A lição ética desta obra é: com a morte de cada homem termina um universo cultural específico, mais ou menos rico mas sempre original e irrepetível. O que o homem deixa quando morre – os seus escritos, os objetos culturais que criou, a memória da sua palavra, dos seus gestos ou do seu sorriso naqueles que com ele viveram, os filhos que gerou – tudo exprime uma realidade que está para além do corpo físico, de um certo corpo físico que esse homem usou para viver o seu limitado tempo pessoal de ser homem, e que toda a gente é pessoa, mas a fragilizada, a marginalizada, a vulnerável, são mais pessoas do que toda a gente.

<sup>9</sup> Cf CASTRO, Ferreira de – *Eternidade*. 14ª Ed. Lisboa: Editores Guimarães, 1989, p. 23

<sup>10</sup> Cf CASTRO, Ferreira de – «A Legenda do Pórtico» de *Eternidade*. 14ª Ed. Lisboa: Editores Guimarães, 1989.



Ferreira de Castro ansiava pela imortalidade, hoje, aqui neste momento, é prova que a conseguiu. Por isso faz parte daqueles que possuem o singularíssimo privilégio de não morrer. A sua missão continua para além da sua existência. Homem humilde e simples alcançou a vitória mais decisiva e duradoura, que é possível alcançar. Continua vivo em nós, pois a vida, como afirma Vergílio Ferreira, não é o que ela dura, mas no que nela dura e nela acontece.

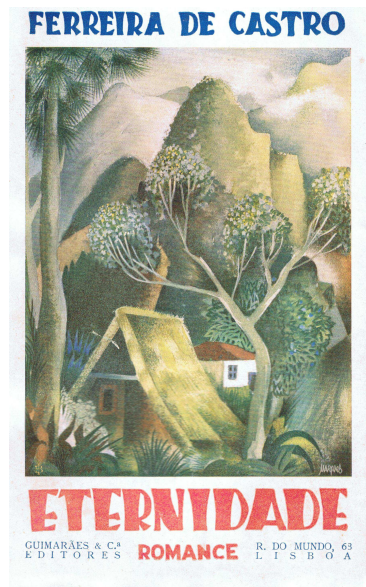


Figura 1 - 1ª edição

